

---

## **O papel dos gêneros e formatos nos novos contratos comunicacionais: hiperlocalidade e pertencimento na construção da notícia<sup>1</sup>**

Mirian Meliani<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (ECA/USP) – CNPq Brasil

### **RESUMO**

A partir do estudo sobre o avanço dos conteúdos de desinformação no contexto de localidades periféricas brasileiras, este artigo reflete sobre a contribuição possível dos estudos de gênero à constituição de uma resposta a tal fenômeno. Seu objetivo é abordar a necessidade de repensar os formatos tradicionais do jornalismo, considerando as especificidades da circulação da informação direcionada a públicos distintos nas redes digitais. Para tanto, realizou pesquisa de campo sobre recepção a informações falsas e verdadeiras em grupos de troca de mensagens, além de estudo de caso de experiências comunicacionais hiperlocais e entrevistas com moradores e comunicadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** gêneros jornalísticos; desinformação; jornalismo hiperlocal; contratos comunicacionais; processos criativos.

### **Introdução**

A pesquisa que fundamenta este texto aborda o impacto da desinformação nas comunidades de regiões periféricas urbanas e as respostas criativas encontradas nas práticas informativas hiperlocais. Tais grupos populacionais, cujas especificidades são pouco representadas pelas empresas tradicionais de comunicação, constroem suas próprias formas de resistência e produção de conhecimento, em recombinações criativas que alternam soluções híbridas entre mídias e tecnologias recém-incorporadas, como grupos e comunidades em aplicativos de trocas de mensagens, entre eles Whatsapp e Telegram, e outras tradicionalmente utilizadas pela comunidade em suas experimentações de comunicação comunitária, como carros de som, faixas e placas, além de complexos sistemas de comunicação face a face, capazes de combater a propagação incessante de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Comunicação Digital no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, bolsista PDJ do CNPq-Brasil. Pesquisadora do COM+ ECAUSP e do InterLab CCM21 PUCSP. Email: [mimeliani@gmail.com](mailto:mimeliani@gmail.com)

---

conteúdos inverídicos e geradores de instabilidade e insegurança no campo da saúde, da cidadania e dos direitos humanos.

Em alguns casos, como em Paraisópolis, região da zona sul da cidade de São Paulo, são produzidos jornais impressos cuja função é chegar à população que não possui conexão de qualidade, com acessos intermitentes, o que dificulta a possibilidade de checagem das notícias. A região foi apontada como localidade que alcançou resultados acima da média no combate à pandemia de Covid-19 dentro do município, especialmente na primeira fase, em 2020 (Instituto Polis, 2020), apesar das fragilidades apresentadas pela população, composta por mais de 100 mil pessoas, na segunda maior favela da cidade.

Em diálogo com o recorte deste estudo, cujo eixo central está situado na contribuição que as localidades periféricas podem trazer aos processos comunicacionais em geral e ao combate à desinformação em particular, é importante perceber, em primeiro lugar, como tais comunidades sofrem impacto dos conteúdos de desinformação, além de possuírem menos recursos para a busca de processos de re-mediação (Saad, 2012) convencionais. Nas dinâmicas em que a exposição ao campo semântico dos discursos de ódio se constitui como um abalo dos laços constituídos em redes, com conteúdos de perseguição religiosa, ataques racistas, negacionismo, criminalização das regiões periféricas das grandes cidades e xenofobia, entre outros, torna-se necessária a recomposição de uma resistência político-afetiva. Trata-se, inclusive, de uma maneira de garantir a própria sobrevivência objetiva, constituindo-se em uma alternativa para combater a “insegurança da informação”, conceito que categorizamos em nossos estudos.

### **Aspectos metodológicos**

Do ponto de vista metodológico, o estudo entrelaçou reflexão teórica, parcialmente apresentada neste resumo, mapeamento exploratório em comunidades específicas e prevê a última etapa de aplicação de ações baseadas em processos criativos. O propósito vem sendo contribuir para a reconstrução de uma base comum semântica, capaz de permitir o diálogo e a revalorização de enunciados e discursos proferidos pelos campos do conhecimento alinhados à ciência e ao jornalismo.

---

Partimos da proposta de uma triangulação metodológica, combinando, em fases sucessivas, diferentes instrumentos de coleta de dados quantitativos e qualitativos, por meio de questionário estruturado, observação, falas recolhidas em entrevistas e grupos de discussão (Fígaro, 2014). O corpus do levantamento inicial reúne projetos de jornalismo hiperlocal (Pavlik, 2011) baseados em regiões periféricas (Nunes, 2014) da cidade de São Paulo, identificando necessidades e estratégias de combate a conteúdos falsos e de desinformação. No segundo momento, a análise dos dados faz uso de processos cartográficos de mapeamentos (Nunes, Marassi e Leão, 2024) e registro de processos criativos (Salles, 2013) adotados em projetos de jornalismo locais.

Como ponto de partida, realizamos a aproximação e estudo de caso com o modelo de comunicação da comunidade de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo. A região foi apontada como localidade que alcançou resultados acima da média no combate à pandemia de Covid-19 dentro do município, especialmente na primeira fase, em 2020 (Instituto Polis, 2020), apesar das fragilidades apresentadas pela população, composta por mais de 100 mil pessoas, na segunda maior favela da cidade.

É importante perceber as nuances das iniciativas desenvolvidas ali, que entrelaçam ações de organização da própria comunidade, algumas delas ancoradas em movimentos sociais de longa data; políticas públicas implementadas ou referendadas por agentes estatais; e projetos desenvolvidos pelos chamados empreendedores sociais, que assumem a busca de soluções para problemas coletivos com métodos que objetivam o lucro, com aspectos de desenvolvimento econômico circular, valorizando fornecedores e profissionais da própria região, conferindo a projetos comunicacionais tanto de jornalismo quanto de marketing e publicidade uma aura de “autenticidade” e eficácia no uso de uma linguagem adaptada aos códigos locais.

Essas observações foram resultados da “entrada” na comunidade, a partir do espaço conhecido como G10, organização que agrega lideranças das favelas da Rocinha (RJ), Rio das Pedras (RJ), Heliópolis (SP), Paraisópolis (SP), Cidade de Deus (AM), Baixadas da Condor (PA), Baixadas da Estrada Nova Jurunas (PA), Casa Amarela (PE), Coroadinho (MA) e Sol Nascente (DF), todas baseadas em grandes favelas urbanas de cidades brasileiras.

Traçamos, em diálogo com as lideranças de comunicação locais, as definições da pesquisa de campo. Passamos à composição de um grupo formado por moradores de Paraisópolis, local com melhor desempenho no combate à desinformação, especialmente no primeiro período de propagação dos dados de prevenção à Covid-19. Tal grupo foi reunido,

com apoio de integrantes do G10<sup>3</sup> e do grupo Cria Brasil<sup>4</sup>, na plataforma de troca de mensagens privadas Whatsapp, mantida pela Meta. Essa etapa foi fruto de reflexão e realinhamento, derivados tanto do levantamento teórico inicial quanto do movimento metodológico baseado na ideia de gesto-pesquisador cartográfico, em que o sujeito-pesquisador estabelece contato com o fenômeno, em um mergulho empírico (Nunes, Marassi e Leão, 2023)<sup>5</sup>. O registro das reações e avaliação dos participantes em relação aos conteúdos falsos ou verídicos compartilhados está sendo categorizado e catalogado, sem pretensão de chegar a resultados cristalizados, mas, de fato, desenvolvendo um mapeamento aberto e transitório frente aos devires que se apresentam como resultados empíricos da pesquisa. Ainda sob o prisma do olhar cartográfico (Deleuze; Guattari, 1995), a fim de explicitar a análise e favorecer futuros desdobramentos, os resultados serão traduzidos em gráficos, infográficos, tabelas e demais formatos criativos, na etapa conclusiva da pesquisa.

### **Fundamentação teórica**

A necessidade de uma reavaliação das classificações de gêneros e formatos jornalísticos, a partir das recombinações e hibridismos resultantes das inúmeras experimentações e rupturas geradas pelo uso das redes e das plataformas digitais já vem sendo apontada há algum tempo por vários pesquisadores, inclusive em nossos estudos anteriores (Nunes, 2014; 2018). Mas tal constatação torna-se ainda mais contundente quando o uso de dispositivos de Inteligência Artificial Generativa torna-se corriqueiro entre profissionais da área (Nunes, Marassi, 2024). Uma nova camada de distinções (Bourdieu, 2008), baseadas no domínio da *technè* emergente e capazes de gerar exclusão do mundo do trabalho, capturam a atenção, estabelecem mais uma etapa no colonialismo de dados (Faustino, Lippold, 2022) e tornam visível o realinhamento das fronteiras relacionadas aos regimes de verificação vigentes (Foucault, 2008).

Se os limites clássicos desenhados no campo da classificação de gêneros jornalísticos estão baseados, amplamente, na separação entre formatos considerados informativos, de um lado, e opinativos, de outro (Marques de Melo, 2003), estudos como os de Chaparro (1994) já apontavam quão tênue é essa linha divisória e que os espaços

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://g10favelas.com.br/> . Acesso em maio 2024.

<sup>4</sup> Disponível em <https://grupocria.com.br/> . Acesso em fev. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/58581> . Acesso em maio 2024.

---

de intersecção estão muito mais presentes do que ausentes nos processos produtivos das redações.

A partir da adoção de uma definição de notícia capaz de dar conta de sua complexidade, multiplicada em ambientes de compartilhamento e ressignificação em rede, explicitar (inter)subjetividades envolvidas e adotar estratégias artesanais de reconstrução do formato clássico do gênero jornalístico podem, como hipótese, contribuir para a desambiguação da informação de qualidade, aquela que promove o diálogo e reconhece o(s) interlocutor(es) como parceiro(s) engajado(s) no ato comunicacional.

É assim que o processo de recepção também se insere na discussão dos gêneros, por seu caráter de busca consensual de composição em torno de um campo de partilha comum (Rancière, 2009), conceito relevante para este estudo. O reconhecimento estabelece o vínculo entre os atores de uma determinada dinâmica comunicacional e, por mais que haja variabilidade, pois “os gêneros são mutáveis, surgem e até desaparecem em função de mudanças técnicas e tecnológicas ou mesmo sociais e políticas” (Temer, 2022, p. 371), o caráter de pertença se coloca como definidor da interação.

### **Análise e contribuição parcial**

No contexto das produções hiperlocais estudadas, os processos criativos relacionados à produção e formatação da informação, em sua apresentação como notícia, sofrem alterações significativas, não apenas adotando uma linguagem coloquial e inclusiva, no sentido de gerar reconhecimento local, como, muitas vezes, deixando de lado qualquer pretensão universalizante e neutra. Os indícios demonstram um processo de desnaturalização de certo modo consolidado sobre o ato de “noticiar”, visto como uma enunciação cuja essência seria sempre a mesma. O pressuposto que se apresenta é de que a construção da notícia-mercadoria é fruto de sua própria historicidade.

Não à toa, as variabilidades das redes digitais, com todas as suas contradições, fizeram emergir um tipo de jornalismo cujas notícias podem ser enunciadas por quem as vivencia, sejam membros das populações periféricas, de populações indígenas originárias ou dos vários grupos apresentados como minoritários, como fartamente documentado em pesquisas recentes. Em relato oral à autora, em 18 de setembro de 2023, a jornalista Francisca Rodrigues, então editora executiva do G10, o esforço de comunicação e de apoio às estratégias de saúde relacionadas à Covid-19, que ganhou ampla cobertura na imprensa no ano de 2020, partiu de uma comunidade já organizada anteriormente. Foram utilizados, de maneira complementar, diversos formatos

de comunicação e até mesmo iniciativas que vêm sendo chamadas, desde então, de “tecnologias sociais”, como os chamados “presidentes de ruas”, que desempenharam um papel estratégico de comunicação face a face, com especial destaque para a atuação das mulheres da comunidade<sup>6</sup>.

### **Conclusões parciais**

A partir de tais configurações, é possível perceber o quanto as definições relacionadas à constituição desses espaços do habitar, ancorados na ideia de pertencimento como base da constituição de um relacionamento entre as partes acaba por construir uma ambiência comunicacional de confiança, o que explica, em parte, os resultados apresentados em localidades como Paraisópolis e outras.

Assim, os contratos comunicacionais, em seus múltiplos entendimentos, reconfiguram-se em combinações e tratos que podem ou não fazer parte de formalizações, mas que sempre estão subentendidos pelos atores envolvidos no processo comunicacional. No caso de projetos facilitados pelas tecnologias de geolocalização e considerados dentro do âmbito da hiperlocalidade, esses acordos passam por sutilezas que colocam à prova a coerência entre a proposta e sua concretização cotidiana em mensagens compartilhadas com o conjunto da comunidade envolvida.

Pequenos deslizos e a quebra na condição do pertencimento e da identidade local podem colocar tudo a perder, por isso os novos contratos são transitórios, interativos e constantemente passíveis de renovação – em uma relação que vai além do mero acompanhamento, decodificação ou assinatura, constituindo uma relação delicada e interdependente que, inclusive, demonstra caminhos para os contratos comunicacionais das demais instâncias de oferta de conteúdos informativos.

### **REFERÊNCIAS**

ASSIS, Francisco; MELO, José Marques de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf> . Acesso em 05 maio 2022.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2020/08/paraisopolis-presidentas-de-rua-coronavirus-pandemia> . Acesso em fev. 2024.

- 
- ASSIS, Francisco . Por que – e a partir de que – estudar os gêneros? In: Patrício, Edgard. **Transformações no mundo do trabalho do jornalismo**. – 1. ed. – Florianópolis, SC : Editora Insular, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (vol I)**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FAUSTINO, Deivison. LIPPOLD, Walter. **Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Raízes da América, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- INSTITUTO POLIS. Paraisópolis tem melhor controle da pandemia que o município de São Paulo. 31/07/2020. Disponível em: <https://polis.org.br/noticias/paraisopolis/> . Acesso em: fev. 2024.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3a. ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de comunicación en la cultura**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- NUNES, Mirian A. Meliani. **Dinâmicas Comunicacionais nas redes sociais digitais: traduções de realidades locais nos discursos midiáticos**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – PEPGCoS – PUC/SP. São Paulo, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Relatos da informação nas redes sociais digitais: caminhos alternativos da produção e distribuição de notícias**. 204 p. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2018.
- NUNES, Mirian A. Meliani; MARASSI, Alessandra. IA, por favor, faça essa tarefa por mim. Inteligência Artificial Generativa nos ambientes de trabalho. **Revista Organicom**, Dossiê Comunicação, Organizações e Inteligência Artificial: impactos, sistemas generativos e uso de dados. Nº 44 janeiro-abril, 2024.
- NUNES, M.M; Marassi, A.B.; Leão, L. Cartografia de Imaginários como método de pesquisa nos estudos de comunicação. **Contemporanea | Comunicação e Cultura** - v.21 – n.03 – set-dez 2023 – p. 32-47 | ISSN: 18099386, 2023.
- Pavlik, J. A tecnologia digital e o jornalismo: as implicações para a democracia. **Brazilian Journalism Research**, 7(2), 94-118. Retrieved from <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/340> , 2011.

---

Peruzzo, C.; Volpato, M. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Líbero** – São Paulo – v. 12, n. 24, pp. 139-152, dez. de 2009.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 22(1):2-10 janeiro/abril 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAAD, Elizabeth (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA USP, 2012.

SANTOS, Marli dos. Opinião e informação não são excludentes: reflexões sobre gêneros jornalísticos, newsliteracy e desinformação no projeto Vaza, Falsiane! In: **Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022**. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202222031162d8a5cfab8c0> . Acesso em 22 abr. 2023.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa . Gêneros jornalísticos: processos, classificações e transformações- O lugar dos gêneros nas rotinas do jornalismo. In: Edgard Patrício. (Org.). **Transformações no mundo do trabalho do jornalismo**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2022, v. 1, p. 368-373.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Houssein. **Information Disorder**. Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.